

O ENSINO E APRENDIZAGEM DA LINGUA INGLESA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

José Danilo Braga da Cunha

Especialização em Auditoria em Saúde. Faculdade Acesita de Timóteo, ACESITA, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/3936462665726058>

E-mail: danilocunhacuru@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N1-15>

RESUMO: Ao tratarmos do ensino da língua inglesa nas escolas se percebe que no contexto das relações econômicas, políticas e sociais torna-se imprescindível o seu conhecimento para está presente nas relações do mundo contemporâneo. Trata-se de um estudo bibliográfico, de caráter descritivo em artigos periodicos. No atual sistema de ensino, defendemos como destaca Celani (2001, p. 33), “[...] que o professor de línguas estrangeiras tem, como educador, um compromisso com seu aluno, com a sociedade e consigo mesmo”. Portanto, faz-se necessário explorar e desvelar as possíveis contribuições da formação continuada de professores de língua inglesa da rede para a prática docente. É importante também descobrir se esta formação está partindo da realidade e das necessidades dos professores envolvidos, levando-os a refletir criticamente sobre a prática em sala de aula e seu papel de mediador do conhecimento na sociedade. Percebemos diante do que foi exposto, que o ensino de línguas estrangeiras pode desempenhar um importante papel no processo de democratização do conhecimento. Segundo Tramonte (2002, p. 2), “[...] o conhecimento em língua estrangeira é hoje considerado um direito, um requisito para o exercício de uma cidadania plena, não apenas para os alunos em fase escolar, mas para a maioria da população”.

PALAVRAS-CHAVE: língua inglesa. Ensino e aprendizagem. Contexto Educacional.

THE TEACHING AND LEARNING OF THE ENGLISH LANGUAGE IN THE EDUCATIONAL CONTEXT

ABSTRACT: When dealing with the teaching of the English language in schools, it is clear that in the context of economic, political and social relations, its knowledge becomes essential to be present in the relationships of the contemporary world. This is a bibliographical study, with a descriptive character in periodical articles. In the current teaching system, we defend, as Celani (2001, p. 33) points out, “[...] that the foreign language teacher has, as an educator, a commitment to his student, to society and to himself”. Therefore, it is necessary to explore and reveal the possible contributions of the continuing education of English language teachers in the network to teaching practice. It is also important to find out whether this training is based on the reality and needs of the teachers involved, leading them to reflect critically on classroom practice and their role as mediators of knowledge in society. We realize in view of what has been exposed that the teaching of foreign languages can play an important role in the process of democratization of knowledge. According to Tramonte (2002, p. 2), “[...] knowledge in a foreign language is now considered a right, a requirement for the exercise of full

citizenship, not only for students in school, but for most students. of the population".

KEYWORDS: English language. Teaching and learning. Educational Context.

INTRODUÇÃO

De acordo com as informações contidas no PCN + Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – Volume Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (BRASIL, 2002), doravante PCN+, a aprendizagem de uma língua estrangeira é um processo que envolve obrigatoriamente a percepção de que se trata de um produto cultural complexo e estabelece que esse aprendizado, “[...] iniciado no ensino fundamental, implica o cumprimento de etapas bem definidas que, no ensino médio, culminarão com o domínio de competências e habilidades que permitirão ao educando utilizar esse conhecimento em múltiplas esferas de sua vida pessoal, acadêmica e profissional” (BRASIL, 2002, p. 93).

O PCN+ deixa claro que, atualmente, é impossível “conceber um indivíduo que, ao término do ensino médio, prosseguindo ou não sua formação acadêmica, seja incapaz de fazer uso da língua estrangeira em situações da vida contemporânea, nas quais se exige a aquisição de informações” (BRASIL, 2002, p.93), pois ao se apropriar de uma língua, o aprendiz se apropria também dos bens culturais que ela engloba e são esses bens que lhe permitirão ter acesso à informação em sentido amplo, bem como uma inserção social mais qualificada, da qual poderá beneficiar-se e sobre a qual poderá interferir.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) apontam para a necessidade de:

pensar-se o ensino e a aprendizagem das Línguas Estrangeiras Modernas no Ensino Médio em termos de competências abrangentes e não estáticas, uma vez que uma língua é o veículo de comunicação de um povo por excelência e é através de sua forma de expressar-se que esse povo transmite sua cultura, suas tradições, seus conhecimentos (BRASIL, 2000, p. 30).

No entanto, passados mais de dez anos do lançamento do referido documento, observa-se que a realidade do ensino de línguas, no Ensino Médio, ainda está muito distante do que este documento considera ser a maneira adequada de se pensar o ensino e a aprendizagem das Línguas Estrangeiras Modernas. Considerando a realidade do ensino

de línguas estrangeiras nas escolas e o ideal de ensino apontado pelas políticas de ensino de línguas, este estudo buscou identificar e analisar os fatores que têm sido obstáculos para um ensino e uma aprendizagem de inglês nas escolas.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo bibliográfico, de caráter descritivo em artigos periodicos. De acordo com Minayo (2007), tal pesquisa é caracterizada quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na internet.

De acordo com Cervo e Bervian (2002), pesquisa bibliográfica é aquela a que se empenha em explicar um problema tendo como suporte às referencias teóricas publicadas em documentos, os quais trazem contribuições culturais e científicas do passado vivenciado e analisa por sua vez um determinado assunto, tema ou problema.

Inicialmente foram encontrados 40 artigos, desses foram selecionadas 11 obras, especificamente, de acordo com a temática vigente e aquelas publicadas em 4 periódicos nas línguas, portuguesa e espanhola, indexados nas bases de dados informatizadas, dentre elas: SCIELO, MedLine, e LILACS (Literatura Latina Americanae do Caribe em Ciências da Saúde).

Além de se utilizar de bibliografias referenciadas específicas ao tema em questão como forma de fundamentação teórica embasada em preceitos reafirmados acerca da temática envolvida.

Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão para os artigos pesquisados: Ensino-Aprendizagem; Inglês; Professores; Educandos, no período de 2010 a 2016. Após a leitura dos artigos encontrados, de acordo com os critérios de inclusão, foram selecionados um total de onze (05) publicações. A partir disso, realizou-se a leitura dos mesmos com a finalidade de se obter as informações pertinentes, de forma a organizá-las por subtemas, facilitando a análise e compreensão do estudo.

REVISÃO BIBLIOGRAFICA

Ao tratarmos do ensino da língua inglesa nas escolas se percebe que no contexto das relações econômicas, políticas e sociais torna-se imprescindível o seu conhecimento para está presente nas relações do mundo contemporâneo. Para Siqueira (2005) é público e notório que o inglês é o idioma principal da sociedade contemporânea. Como chama o autor “[...] o latim dos tempos modernos”.

Portanto, não é um fenômeno que vem passando despercebido, pelo contrário, é possível ver que esta língua que atingiu um patamar que serve de pauta para diversos fins sociais, políticos, econômicos e institucionais. Vale ressaltar que atualmente, o inglês é a língua nativa de mais de meio bilhão de pessoas oriundas tanto do centro quanto da periferia do globo. É a língua mais falada do mundo por não-nativos e, provavelmente, o único idioma que possui mais falantes não-nativos que nativos. São três falantes não-nativos para cada falante nativo (SIQUEIRA, 2005, p.14).

É importante observar que a pluralidade de situações em que um se depara com os discursos construídos em inglês em diversos meios de comunicação como a televisão, internet, livros, propagandas faz com destaque a importância de seu ensino. Para Lopes (2003) a língua inglesa é atualmente responsável pela grande parte das informações disseminadas acerca dos fatos que acontecem em todo o planeta.

Em suas análises vem corroborar Rajagopalan (2005) que o significado do ensino inglês se traslada a importância que dão os pais em promover em seus filhos o conhecimento dessa língua estrangeira, colocando-a não somente como uma segunda língua, mas, sobretudo como um determinante para o crescimento pessoal e profissional de seus filhos, visto que o estudo de uma segunda língua favorece ao campo das relações sociais em todas as áreas como citado anteriormente.

No campo da consciência individual ao utilizarmos um pouco do aporte da teoria da linguagem para solidificar a importância do ensino da língua inglesa, se pode citar Daniels (2001, p.12) que vê a linguagem como o “mas poderoso e penetrante dos dispositivos semióticos - funciona como uma ferramenta psicológica na construção da consciência individual”. Observa-se que o autor apresenta uma percepção de aprendizagem da língua como uma produção de sentidos onde o ser humano cria e se recria continuamente ao longo de sua história de vida.

Tratando-se de vivências de vidas, como descrevem Spink e Medrado (2004, p.48) a linguagem em sua expressão polissêmica permite as “[...] pessoas transitar por inúmeros contextos e vivenciar variadas situações”. Isso ressalva o objetivo maior que é a compreensão que se reproduz no cenário contemporâneo com a aprendizagem do inglês.

As relações de nova língua para o processo ensino aprendizagem, deve ser percebida como ponto inicial para aprendizagem um fator importante; de um constante relacionamento com o cotidiano, com o que acontece na rotina diária das pessoas, de maneira que permita ao indivíduo satisfazer suas necessidades pessoais.

Por muito tempo, a questão do ensino da língua inglesa nas escolas não teve um impacto nas salas de aulas, visto que no tocante as questões políticas e econômicas a nível de Brasil tivemos certos entraves, advindos de uma época em que a língua inglesa, era considerada como apolítica e agente do imperialismo americano, e onde o ensino se baseava na prática de diálogos descontextualizados e memorizados sem significância social.

Com o decorrer dos anos, como aborda Abordam Pagliarini Cox e Assis-Peterson (2001, p. 17) a partir dos anos de 1970 tomando-se por frente à noção de competência comunicativa, que o ensino do inglês passou a ser percebido como uma habilidade funcional, onde não somente se deveriam incluir regras gramaticais, como também “[...] uma competência pragmática, exigida para a interpretação, expressão e negociação de sentido no contexto imediato da situação de fala. O foco das atividades da sala de aula se desloca da forma (correção gramatical) para o sentido (fluência comunicativa)”.

Porém, esse enfoque comunicativo, entra também em declínio, onde os teóricos começam a questionar o caráter apaziguador e harmônico do ensino de inglês, como um meio de conhecer outra cultura e fazer amigos. Frente a um mundo globalizado, capitalista, democrático, inovador e moderno não se podem conceber o idioma apenas como uma mera percepção passiva. Descrevem Pagliarini Cox e Assis-Peterson (2001, p. 4) que pensadores como Pennycook aludem ao ensino do inglês, como um instrumento da comunicação global, onde:

Como base na literatura com relação ao inglês na sala de aula, quem ensina inglês não pode deixar de se colocar criticamente em relação ao discurso dominante que

representa a internacionalização do inglês como um bem, um passaporte para o primeiro mundo.

Quem ensina inglês não pode deixar de considerar as relações de seu trabalho com a expansão da língua, avaliando criticamente as implicações de sua prática na produção e reprodução das desigualdades sociais. Quem ensina inglês não pode deixar de se perguntar se está colaborando para perpetuar a dominação de uns sobre os outros.

Tomando como foco de análise, o ensino do inglês, no mundo moderno, comenta Rocha (2006) que em muitos países da União Européia, da Ásia e da África, o ensino desenvolve por um período relativamente longo, onde os objetivos estão explicitados e os referenciais teóricos bem constituídos. Ao contrário, na América do Sul, a expansão do ensino do inglês se expressa de maneira bastante aleatória. Em relação ao cenário educacional brasileiro, a aprendizagem do idioma se apresenta em uma teorização incipiente.

Com relação à literatura sobre o ensino da língua inglesa nas escolas, segundo Oliveira (2003) que se reconhece na literatura uma ineficiência em relação ao ensino em grande parte das escolas do setor público. Diante dos fatos apresentados, é possível ver também que os resultados insatisfatórios quanto ao ensino de línguas estrangeiras, como neste caso, o inglês; faz insurgir por parte de alguns pesquisadores o interesse de compreender o que influencia na prática do professor, e no desempenho do aluno dentro da relação ensino-aprendizagem.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS - FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM DO ALUNO

Ao longo dos anos, o processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira vem sofrendo influências de estudos e pesquisas em várias áreas do conhecimento e, como consequência, mudanças podem ser percebidas, nos procedimentos didáticos.

O estudo e a aprendizagem da língua estrangeira a aprendizagem contribui para o processo de formação integral do aluno e representa muito mais do que uma mera aquisição de formas e estruturas linguísticas em um código diferente, mas também

ampliam-se as possibilidades do aluno de agir discursivamente e compreender com mais facilidade as manifestações culturais próprias e de outros povos.

Segundo os PCN (1998, p. 15): A aprendizagem de uma Língua Estrangeira é uma possibilidade de aumentar a auto percepção do aluno como ser humano e como cidadão. Por esse motivo ela deve centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo e poder agir no mundo social.

Partindo desse pressuposto, percebe-se que a aprendizagem de uma Língua Estrangeira possibilita ao discente o desenvolvimento da comunicação e funcionalidade da sua própria linguagem, tomando consciência da importância dessa língua como recurso para compreender os paradigmas que envolvem os elementos formadores da sociedade na qual está inserido.

Percebe-se a importância do ensino da língua estrangeira ao analisar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

[...] ao ensinar uma língua estrangeira, é essencial uma compreensão teórica do que é a linguagem, tanto do ponto de vista dos conhecimentos necessários para usá-la quanto em relação ao uso que fazem desses conhecimentos para construir significados no mundo social (1998, p. 27).

Diante dessa premissa, percebe-se que o ensino dessa língua, ultrapassa as barreiras de sala de aula, pois no mundo competitivo e globalizado da atualidade o mercado de trabalho necessita de profissionais aptos a estabelecer uma boa comunicação, que facilite a política comercial e diplomática entre os países. Assim, percebe-se que:

Pela aquisição do adequado conhecimento linguístico, o indivíduo pode apropriar-se de saberes, transmitir sua cultura e estabelecer vínculos com outras, ampliando seus horizontes. O estudo da língua estrangeira permite a reflexão sobre idioma e a cultura como bens de cidadania, além de contribuir para a eliminação de estereótipos e preconceitos. (BRASIL, 1998, p. 101).

O ENSINO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA NO ENSINO MÉDIO

A Lei das Diretrizes e Bases para o Ensino Nacional (LDBEN) situa o Ensino Médio

como etapa final da Educação Básica, estabelecendo que as finalidades principais dessa etapa da educação são: a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental; a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando; o aprimoramento do educando como pessoa, incluindo sua formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, assim como a compreensão dos fundamentos científico- tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria à prática.

Com relação ao ensino de línguas estrangeiras, a LDBEN estabelece em seu Art. 36 que deverá ser incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, e que a mesma deverá ser escolhida pela comunidade escolar; paralelamente as Diretrizes Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) estabelecem como meta do Ensino Médio, no que se refere ao ensino de línguas estrangeiras, que os discentes deverão conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais.

Na maioria dessas reportagens, o que se observa é o receio por parte dos estudantes que contam apenas com as aulas da escola regular de não ser capaz de entender os textos apresentados, evidenciando que a responsabilidade sobre o papel formador das aulas de línguas estrangeiras continua a ser atribuído aos institutos especializados no ensino de línguas (BRASIL, 2000).

Para Brasil, (2010), no mundo globalizado, os discentes têm acesso há inúmeros recursos que lhes permitem chegar à escola com muito mais conhecimento a respeito de uma língua estrangeira do que era possível no passado, e, portanto, evidencia-se, conseqüentemente a necessidade de professores de línguas qualificados e preparados para utilizar estes recursos a favor de um processo de ensino e aprendizagem significativo para todos os educandos.

Para tanto, é necessário que os objetivos e finalidades do ensino e de aprendizagem da língua estrangeira sejam claramente definidos. Com relação a isto, os PCNEM (BRASIL, 2000) consideram que os propósitos maiores do ensino de línguas estrangeiras no Ensino Médio são: saber distinguir entre as variantes linguísticas; escolher o registro adequado à situação na qual se processa a comunicação; escolher o vocábulo

que melhor reflita a ideia que pretenda comunicar; compreender de que forma determinada expressão pode ser interpretada em razão de aspectos sociais e/ou culturais; compreender em que medida os enunciados refletem a forma de ser, pensar, agir e sentir de quem as produz; utilizar os mecanismos de coerência e coesão na produção em língua estrangeira (oral e/ou escrita); utilizar estratégias verbais e não verbais para compensar falhas na comunicação.

O referido documento salienta, ainda, que estes componentes não podem ser compartimentalizados, pois no ato comunicativo, todos estes componentes “estão perfeitamente inter-relacionados e interligados” (BRASIL, 2000, p.29). Contudo, o que se observa nas escolas de uma maneira geral são a ênfase no ensino dos aspectos gramaticais e estratégias de leituras, evidenciando que para o professor de inglês, ou pelo menos para a maioria deles, esta é a finalidade do ensino da língua estrangeira no Ensino Médio.

A TEORIA KRASHENIANA DE AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA

Conforme já foi mencionado, a teoria defendida por Krashen (1987) abrange cinco hipóteses a respeito do processo de aquisição de segunda língua. A distinção entre aquisição e aprendizagem é talvez a hipótese mais essencial, segundo o teórico. Ela postula que os adultos têm duas maneiras distintas e independentes de desenvolver competência na segunda língua.

Para Krashen (1987), a primeira maneira é a aquisição da língua, um processo similar, senão idêntico, à maneira na qual as crianças desenvolvem a habilidade na língua materna. A aquisição da língua é um processo inconsciente, ou seja, aqueles que adquirem a língua geralmente não estão conscientes do fato de que estão adquirindo a língua, estão somente conscientes do fato de que estão utilizando a língua para a comunicação. Já o segundo modo para desenvolver competência na segunda língua é por meio de sua aprendizagem. O termo “aprendizagem” refere-se ao conhecimento consciente da segunda língua, isto é, o aprendiz sabe as regras, está consciente delas e é capaz de falar sobre elas.

De acordo com a hipótese da ordem natural, a aquisição de estruturas gramaticais

ocorre de uma maneira previsível. Determinadas estruturas gramaticais tendem a ser adquiridas mais cedo, enquanto a aquisição de outras parece ocorrer mais tarde. Brown (1973, apud KRASHEN, 1987) relata que crianças adquirindo a língua inglesa como língua materna tendem a adquirir certos morfemas antes dos outros. Por exemplo: a desinência verbal de tempo contínuo (-ing) como em “He is playing baseball.” e o marcador de plural (-s) como em “two dogs” estão entre os primeiros morfemas adquiridos, enquanto a desinência indicativa de pessoa (-s) como em “He lives in New York.” e o caso genitivo (’s) como em “John’s hat” são tipicamente adquiridos mais tarde.

A hipótese do monitor postula que a aquisição e a aprendizagem são utilizadas de maneiras muito específicas. Normalmente, a aquisição é o processo que possibilita a produção de enunciados na segunda língua e é responsável pela fluência. Já a aprendizagem tem a função de monitor ou editor, ou seja, a aprendizagem atua na alteração da forma de um enunciado, depois de ter sido produzido pelo sistema adquirido.

Isso pode acontecer antes ou depois (autocorreção) de ser produzido na fala ou na escrita. Nesse sentido, a hipótese do monitor sugere que as regras formais ou a aprendizagem consciente desempenham um papel limitado no desempenho na segunda língua.

Segundo Krashen (1987), a hipótese do insumo defende que uma condição necessária (mas não suficiente) para que o aprendiz mude do seu estágio atual de aquisição i para o $i + 1$, próximo estágio, é que ele compreenda o insumo que contém $i + 1$, em que compreender significa atender-se para o sentido e não para a forma da mensagem. Em outras palavras, a aquisição ocorre quando o aprendiz compreende a língua que contém uma estrutura que está um pouco além de seu nível atual de conhecimento da língua.

Krashen (1987) afirma que pesquisas confirmaram que uma variedade de variáveis afetivas se relaciona com o sucesso na aquisição de segunda língua, como motivação, autoconfiança e ansiedade. Aprendizes muito motivados geralmente apresentam melhor desempenho na aquisição de segunda língua. Aqueles com autoconfiança tendem a ser bem sucedidos nesse processo. Baixa ansiedade também parece contribuir positivamente para a aquisição de segunda língua, tanto a pessoal quanto aquela gerada na sala de aula.

Nesse sentido, a hipótese do filtro afetivo captura a relação entre aspectos afetivos e o processo de aquisição de segunda língua. Os aprendizes, cujas atitudes não são favoráveis para a aquisição de segunda língua, tendem a compreender menos insumo; neste caso, seu filtro afetivo está alto.

Krashen (1987) enfatiza que mesmo que haja a compreensão do insumo, ele não irá atingir a parte do cérebro responsável pela aquisição de língua. Já os aprendizes que apresentam um filtro afetivo baixo são capazes de obter mais insumo e, conseqüentemente, adquirem a língua mais satisfatoriamente.

CONCLUSÃO

No atual sistema de ensino, defendemos como destaca Celani (2001, p. 33), “[...] que o professor de línguas estrangeiras tem, como educador, um compromisso com seu aluno, com a sociedade e consigo mesmo.”. Portanto, faz-se necessário explorar e desvelar as possíveis contribuições da formação continuada de professores de língua inglesa da rede para a prática docente.

É importante também descobrir se esta formação está partindo da realidade e das necessidades dos professores envolvidos, levando-os a refletir criticamente sobre a prática em sala de aula e seu papel de mediador do conhecimento na sociedade.

Percebemos diante do que foi exposto, que o ensino de línguas estrangeiras pode desempenhar um importante papel no processo de democratização do conhecimento. Segundo Tramonte (2002, p. 2), “[...] o conhecimento em língua estrangeira é hoje considerado um direito, um requisito para o exercício de uma cidadania plena, não apenas para os alunos em fase escolar, mas para a maioria da população”.

REFERENCIAS

LEFFA, V. J. (Org.) **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. Pelotas: Educat, 2001. p. 21-40

BRASIL. Ministério da Educação e Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL/SEMTEC (2002) **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais**

CUNHA, J. D. B. O ensino e aprendizagem da língua inglesa no contexto educacional. **Revista Eletrônica Amplamente**, Natal/RN, v. 2, n. 1, p. 171-183, jan./mar. 2023. ISSN: 2965-0003.



Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Volume Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

BRASIL/SEMTEC (2000) **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio.** Brasília, DF: MEC/SEMTEC.

DANIELS, Harry. **Vygostsky e a pedagogia.** São Paulo: Loyola, 2001.

LAKATOS, E.M; M, M.A. **Fundamento da metodologia científica.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

KRASHEN, Stephen D. **Principles and Practice in Second language Acquisition.** PrenticeHall International, 1987.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino superior.** Secretaria da Educação Superior. Brasília: MEC/SEM, 1998.

MOITA LOPES, Luiz P. **Oficina de lingüística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas.** São Paulo: Mercado de Letras, 1996.

OLIVEIRA, Enio de. **Políticas de ensino de línguas estrangeiras em escolas públicas do Estado de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) - IEL/Unicamp, Campinas/SP, 2003.

PAGLIARINI COX, Maria Inês; ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de. O professor de inglês Entre a alienação e a emancipação. **Linguagem & Ensino**, v. 4, n. 1, p.11-36, 2001.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. The ambivalent role of English in Brazilian politics. **World Englishes**, v. 22. n. 2, p. 91-101, 2003.

ROCHA, Cláudia Hilsdorf. **Provisões para Ensinar LE no Ensino Fundamental de 1ª a 4ª Séries: dos Parâmetros Oficiais e Objetivos dos Agentes.** 2006. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2006.

SIQUEIRA, Sávio. **O desenvolvimento da consciência cultural crítica como forma de combate à suposta alienação do professor brasileiro de inglês.** **Revista Inventário**, n.4, jul. 2005.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano.** São Paulo: Cortez, 2004.

TRAMONTE, C. **Ensino de língua estrangeira e socialização do saber: abrindo caminhos para a cidadania.** Disponível em: <http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/cristiana_tramonte2.htm>. Acesso em: 24 abr. 2013.

Data de submissão: 07/03/2023. Data de aceite: 09/03/2023. Data de publicação: 11/03/2023.